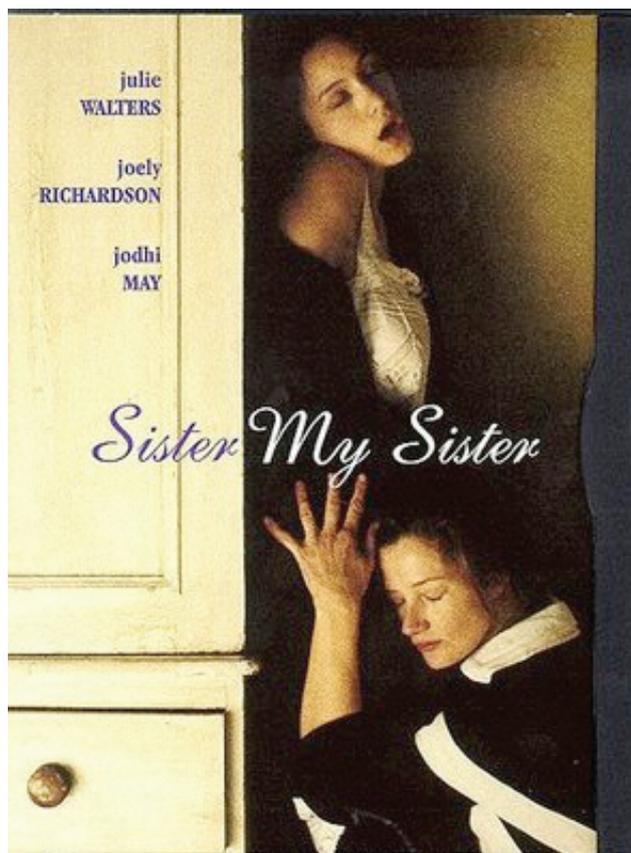


Breves Comentários sobre o Filme “Entre Elas”

Marcelo Magnelli



A Cena e o Social

“... só o analista pode demonstrar, contrariando o sentimento comum, a alienação da realidade do criminoso, num caso em que o crime dá a ilusão de responder ao seu contexto social” (J. Lacan¹)

O filme inglês *Entre Elas* (*Sister My Sister*, no original), de 1994, com direção de Nancy Meckler, se propõe a retratar dramaticamente o crime ocorrido em 2 de setembro de 1933 e que marcou intensamente a mídia francesa neste período. Duas irmãs, Christine e Lea Papin (in-

terpretadas por Joely Richardson e Jodhi May, respectivamente) trabalharam como empregadas-modelo por 6 anos para uma rica família burguesa em Le Mans até cometerem um duplo homicídio assaz atroz contra suas patroas.

O filme nos mostra a mais completa falta de diálogo entre patroas e empregadas. Este silêncio, contudo, não é vazio de sentido e corre em paralelo com a intensa relação “entre elas”. Essa relação também é destacada no filme, de fio a pavio, por sua trilha sonora: uma canção de ninar que Christine entoava para sua irmã desde tenra infância.

Lea se mostra, desde o início do filme, debilitada e dependente da força da irmã, a quem procura não desaprovar em nada e assentindo com as palavras de Christine: “você precisa da minha proteção”. Uma relação especular que foi denotada pela Sra. Lancelin (Julie Walters): “duas pelo preço de uma”, se referindo ao valor da força de trabalho. Se falta diálogo, o que sobra é o olhar da Sra. Lancelin para ambas. A princípio não incomoda Christine – achando ela que se trata de zelo por sua propriedade – para Lea, é um tormento, pois parece um olhar onividente e reprovador. Justamente este olhar será alvo de uma enucleação (extração dos olhos de suas órbitas) durante a passagem ao ato homicida.

Lacan escreve em 1933 o texto “Motivos do Crime Paranóico: o crime das irmãs Papin”, para a *Revista Minotaure*, quando ainda havia a comoção da sociedade frente ao massacre. A passagem ao ato, assim como a comoção da sociedade, atestam a existência de uma pulsão agressiva no sujeito e que, no psicótico, se

¹ Lacan, J. “Introdução teórica às funções da psicanálise na criminologia”, p. 143.

resolve momentaneamente no assassinato. A pulsão tem a intencionalidade de um crime paranóico, no sentido de uma punição (ou autopunição, se atentado contra si próprio). As características do homicídio variam de acordo com a pressão pulsional fundamental. Esta mesma pressão comanda a reação da sociedade frente a ele, gerando o contágio emocional e os limites da compreensão para o perdoar e o punir.

Entre Elas

“Contudo, tendo que descrever, com a história de Marguerite Anzieu, seu caso princeps, uma loucura criminosa feminina, ele fez da erotomania um componente central da paranóia. E faria o mesmo, um ano depois, em seu artigo dedicado ao crime das irmãs Papin²” (Roudinesco).

Lacan oferece neste texto, uma leitura do crime das Irmãs Papin que permite-nos sair da atonicidade com o uso da clínica. O delírio a dois nos parece ser a chave psiquiátrica que Lacan se utiliza para decifrar a dinâmica mortal. Embora conhecido da psiquiatria da época, espantavam-se os criminologistas por não haver encontrado nenhuma formação delirante: o filme também não deixa claro. O mecanismo deste delírio depende de uma sugestão contingente, exercida por um sujeito delirante ativo sobre um sujeito débil passivo, criando um paralelismo criminal entre as duas irmãs.

Podemos tomar como único traço de uma formulação de ideias delirantes anterior ao crime, um evento não relatado no filme mas contante dos autos do crime: o testemunho do delegado que relata a queixa das irmãs por se sentirem perseguidas. Apenas na prisão Christine manifesta temas francamente delirantes, como o desconhecimento sistemático da realidade, ao perguntar como estão passando suas vítimas, acreditando que elas retornaram em outro cor-

² Roudinesco, E., “Dicionário de Psicanálise”, verbete Paranóia, p. 574.

po), e em sua frase “creio mesmo que numa outra vida eu devia ser o marido de minha irmã”. Em seu delírio a dois, em sua erotomania, Lea tornou-se o duplo de Christine, aos moldes do amor andrógino e dessexualizado que o personagem Aristófanes enaltece em *O Banquete*: resultado de uma cisão em duas partes, o ser andrógino é condenado por Zeus a vagar em busca de sua outra parte complementar. Um tal grau de identificação imaginária que não permitia sequer que as irmãs pudessem se rivalizar (a menos que um terceiro tentasse se interpôr a elas, como a Srta. Lancelin ou a mãe das jovens). A interpretação de uma suposta homossexualidade existente entre elas cai por terra, revelando-se um efeito decorrente da foraclusão do Nome-do-Pai e da zerificação do falo: o empuxo-à-mulher. No filme, inclusive, podemos perceber que a busca por um relacionamento carnal sempre partiu da irmã débil, preferindo Christine a presença da irmã em seu campo escópico.

O Outro em questão: a enucleação

Ao publicar seu texto de 1933, Lacan retoma as razões do crime paranóico, avançando em relação à sua tese anterior, a qual nos orientava que o outro vai ao lugar de ideal, “é o que o criminoso quer ser”. Então, terá ele que anular o outro para que possa existir – caso contrário... perde-se nesse outro. Uma autêntica luta de vida ou morte imposta pelo Imaginário.

Se Lacan aponta o desejo das irmãs por suas vítimas, também é certo que viam nelas a imagem de seu mal. A metáfora “arrancar-lhe os olhos”, usada no francês para expressar ódio, ganha literalidade. Os olhos, tal qual a castração nas Bacantes de Eurípedes, foram o primeiro

alvo de ataque. Se tomarmos outro momento da obra de Lacan, na clínica do objeto a (Seminário X), podemos pensar a enucleação como uma passagem ao ato, resultado de um estado prévio de grande angústia diante da não-extração do objeto a, e que tenta ser um modo de lidar com o gozo suplementar (não-fálico) encarnado no Outro ameaçador... uma castração no real.

Ou seja, a presença do olhar do Outro pode ser tão insuportável para o sujeito psicótico que, em uma passagem ao ato, pode chegar a subtrair os olhos de quem for o portador do gozo escópico e avassalador que visa seu ser. Como nos diz Lacan “Na tarde fatídica, na ansiedade de uma punição iminente, as irmãs associam a imagem de suas patroas à miragem de seu mal³. É sua aflição que elas detestam no par que arrebatam”⁴. Atacando a miragem de seu mal, atacam seu próprio Kakón, realizando em ato uma extração terrível e a mais possível do objeto olhar, fonte de gozo, gerando uma proto-estabilização temporária.

Bibliografia

LACAN, J. “Introdução teórica às funções da psicanálise na criminologia”, in Escritos, Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. “Motivos do Crime Paranóico: o crime das irmãs Papin” in Da Psicose Paranóica em suas Relações com a Personalidade, Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1987.

ROUDINESCO, E. Dicionário de Psicanálise, Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997.

3 Grifo nosso.

4 Lacan, J. “Motivos do Crime Paranóico: o crime das irmãs Papin”, p. 390.